
GRUPOS DE INTERESSE, FOTOGRAFIA E ACOPLAMENTO: o caso flickr.com. E
como a educação pode tirar proveito disso.

Glauco José Couri Machado – gcmachado@hotmail.com
UFS/CECH/DED

Resumo:

O texto consiste em discutir e apresentar a questão dos grupos de interesse na web, particularmente, àqueles criados a partir da arte fotográfica, principalmente no www.flickr.com, à luz das teorias de Maturana e Verela, bem como demonstrar uma atividade prática realizada em 2007 na interface entre antropologia, fotografia e ciberespaço entre alunos de um curso superior

Palavras-chave: cibercultura; grupos de interesse; fotografia

A Internet, poderosa rede de troca de dados, vem se metaforizando e criando produtos e derivados nunca imaginados. Entre esses, os grupos de interesses são, talvez, um dos mais importantes subprodutos criados, a partir da lógica inaugurada por ela, para comunicação, troca de idéias e reconhecimentos mútuos já vistos na história mundial.

Os grupos de interesse são formados por indivíduos que compartilham determinados pontos de vista ou aspirações exclusivas. Historicamente vemos inúmeras instituições que foram formadas para agregar sujeitos que compartilhavam de interesses comuns e, a partir deles, clubes e associações foram se formando e conseguindo agregar outros que manifestavam algo a favor para delas fazerem parte.

Ocorre que, no mundo físico, essas instituições necessitam de um local geográfico determinado, um endereço fixo e uma territorialidade. O que dificulta em demasia a agregação de novos membros. Nesse ponto, a Internet foi fator fundamental para a criação de uma nova modalidade de grupos de interesses: os grupos virtuais.

Esses grupos se mantêm no mundo virtual a partir de argumentos informáticos hospedados em sites/provedores que conseguem desterritorializar as instituições de grupos de interesse, criando endereço no mundo virtual fácil de ser encontrado e ao mesmo tempo desprovido de lógica material: sem paredes, sem construção, sem mundo físico!

Assim, esses grupos se propagam via listas, fóruns e grupos de discussão, salas de chat temáticas, sites de conteúdos específicos e etc. Dessa forma, inaugura-se a lógica não geográfica e globalizada dos grupos de interesse. Oportunizando quaisquer sujeitos a fazerem parte de quaisquer grupos em qualquer local do mundo.

Portanto, a propagação desses grupos foi enormemente multiplicada e a oferta de assuntos, na mesma proporção, acrescida. Há hoje, talvez, na Internet grupos de todos os tipos imagináveis, pois as multidões de usuários e de páginas na Internet vêm aumentadas sobremaneira nos últimos anos. Vale ressaltar que a Internet comercial tem uns 15 anos de vida no Brasil, o que se faz concluir que ela ainda vai crescer e se popularizar levando novamente ao acúmulo desse tipo de grupos em solo brasileiro, porém, em nações da Europa e América do Norte ela está muito mais inserida no cotidiano das pessoas.

Esses grupos estão, portanto, no espaço de emaranhado de fios, satélites e energia compreendido por “ciberespaço”. Ciberespaço é uma composição lingüística advinda do inglês - cyberspace. Uma das primeiras “aparições” do prefixo cyber foi na palavra cibernética, proposta por Norbert Wiener, em 1948 e derivada do grego na qual a idéia de controle é central. Cyberspace advém do campo ficcional, reconhecidamente do romance de William Gibson (Neuromancer, 1984), mas já utilizado em 1982 numa pequena história Omni, do mesmo autor. É uma região abstrata - Matrix - invisível, na qual as informações circulam sob diversas formas (imagem, som, texto...); é uma alucinação... Porém nada mais que uma via de comunicação, entretenimento e trocas realizadas entre computadores em rede. O ciberespaço trouxe uma possibilidade de trocas (em sentido amplo) que anteriormente não era possível. Antes estas eram “um com muitos” (no caso da TV e seus espectadores), “um com um” (no caso do telefone)

e agora “muitos com muitos” . Todos têm a possibilidade de criar seu “programa” (no caso os sites) com seu conteúdo específico e exclusivo. Podem visitar qualquer outro, sem a necessidade de trocar de mídia ou de local territorial, está tudo na tela do computador...

Esse mesmo ciberespaço criou a cibercultura que para Pierre Lévy é entendido como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas e de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento desse espaço cibernético.

Obviamente que a cibercultura está tentaculada em todas as manifestações artísticas que se possa imaginar. Da música à literatura, da poesia ao cinema... E uma das manifestações artísticas que mais cresce é a fotografia.

Nesse ambiente cibercultural nasceu o “Flickr” (www.flickr.com). Esse site que na verdade é um conjunto de sites individuais; pessoas de qualquer nação do mundo se encontram para visualizar as produções fotográficas dos participantes – em 2007 eram 24 milhões de membros e a média atual (dados de dezembro de 2009) de cerca de 3 mil fotos por minuto – e comentar cada uma delas por meio de um espaço próprio para o diálogo, como se fosse um tipo de “fórum de discussão” ilustrado. Ali a cada dia os membros postam suas fotos, tecem comentários de suas produções e das alheias e ainda travam conversas informais por meio da postagem dos comentários nas páginas de cada um.



Página inicial do Flickr

A estética é diversificada e o uso de equipamentos fotográficos também. Das webcams e máquinas compactas mais elementares às máquinas digitais e ou convencionais mais poderosas surgem diversas imagens postadas diariamente. Algumas scaneadas outras oriundas das máquinas digitais. Essa diversificação vai desde a fotografia clássica de paisagens e *portraits* até auto-retratos e macros de flores, objetos e animais ou imagens criadas digitalmente em programas como *Photoshop* ou similares. A popularização das máquinas fotográficas digitais e sua baixa do preço ocasionaram uma oferta infindável de modelos e de valores para todas as classes sociais, impulsionando o universo da fotografia aos limites de todas as classes, criando uma “legião” de fotógrafos e fazendo dessa arte, hoje, uma das mais populares.

Inicialmente os idealizadores desse projeto, o casal canadense Caterina Fake e Stewart Butterfield, abriu esse espaço virtual em 2004 e em 2005 foi adquirido pelo Grupo Yahoo. Com o crescimento passaram a ofertar dois tipos de serviço: um pago e outro gratuito. Onde a diferença de cada um está para aqueles que optam por uma página com recursos maiores de hospedagem, porém, não muito diferente de recursos técnicos.

A partir do grande idealizador *Fotolog* (www.fotolog.net) é de onde sai a idéia do Flickr tal qual como é hoje e há outros modelos, sendo alguns já instintos e outros que sempre vão surgir como *Camlog* (www.camlog.net), *Photopage* (www.photopage.com.br), Escrita com Luz (www.escritacomluz.com) e uma infinidade de páginas semelhantes na web. É muito provável que tenha hoje mais de 500 milhões de participantes/fotógrafos (amadores ou profissionais) nas várias modalidades de sites que trabalham com fotografias.

Mas o fato mais curioso quando se lê sobre a história do Flickr é que seus idealizadores tinham em mente um game, mas, muito provavelmente, na esteira do sucesso do *Fotolog* ele foi moldado para as formas como é conhecida. Mas como esse site chegou a números fabulosos de quantidade de uploads de fotos e usuários em praticamente todo o mundo?

A primeira resposta para isso está nos grupos de interesses. O Flickr nada mais é que um local virtual que congrega pessoas com seus interesses, ligados na estética da imagem fotográfica e, mais recentemente, do vídeo também. Como não é um local/território/real/físico sua facilidade de agregar novos membros e universalizar a participação de quem quer que seja foi fator preponderante para essa imensidão de fotógrafos se juntarem, numa verdadeira propaganda “boca-a-boca”.

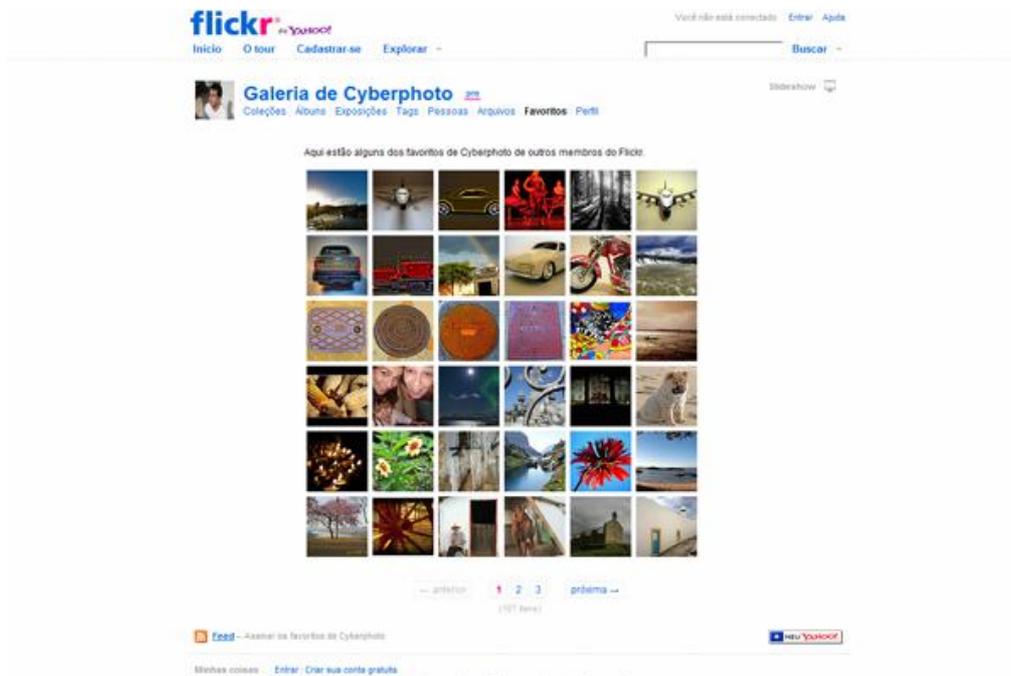
Numa parte dos sites individuais existe uma seção chamada de “favoritos”, nessa seção os proprietários das páginas podem acrescentar imagens e essas ficam na página em forma de *thumbnail* (miniaturas das fotos) criando, um estilo de “galeria” onde são exibidas as fotos favoritas que fora escolhida anteriormente. Na seção “perfil” é possível o fotógrafo falar de si, colocando um pequeno currículo ou algo como um memorial e acrescentar os endereços dos seus “contatos” no site e à medida que um desses posta uma nova imagem ela é imediatamente (em tempo real) colocada e ao fazer o login no Flickr ela aparece, obedecendo uma ordem cronológica de postagem onde o mais recente aparece em primeiro lugar e o menos em último, ficando visível ao proprietário todos os movimentos de trocas de imagens de seus contatos. E cada imagem que o dono do Flickr coloca aparece também para seus contatos e abaixo delas abre-se possibilidades de receberem comentários. Outra forma de interação é a partir de “álbuns de fotos” com temáticas, onde um membro abre o álbum e nele podem ser expostas fotos que tenham seu conteúdo - qualquer usuário pode enviar sua foto para lá.



Página dos contatos



Local das fotos recentes dos contatos



Página dos “Favoritos”

O local dessa pesquisa, ainda exploratória, sem profundos levantamentos estatísticos, porém vivencial, é justamente esse local dos “comentários”. Em qualquer oportunidade, pessoas podem entrar nos favoritos ou nos contatos de um e entrar no

logo seguinte e assim por diante e verificará que há um círculo sem fim. Criando uma verdadeira comunidade de fotógrafos-amigos e abertos para o mundo. Porém, cada membro tem seus contatos e, normalmente entre eles, há uma sinergia e uma troca constante de informações e de diálogos que vão sobre assuntos do cotidiano a troca de experiências sobre equipamentos, técnica fotográfica e etc.

Mas como esses grupos de contatos se formam? Há uma espontaneidade?

Primeiro é necessário compreender que os participantes se dividem em grupos perfeitamente visíveis no ambiente: (tipo A) há os adolescentes que mostram fotos de si mesmos, amigos, familiares e imagens de algo bonito ou interessante que descobriram ou receberam de alguém e querem compartilhar com outros. Depois o grupo (tipo B) de designers, fotógrafos (amadores ou não), jornalistas, professores, arquitetos e outros com uma estética mais rebuscada e mais profunda - aqui entram também os estudantes destas áreas - onde o interesse é mostrar e divulgar sua arte e, em terceiro (tipo C) os profissionais da estética, nomes famosos do mundo fashion, da tecnologia, e da cibercultura.

Com essa divisão, naturalmente os membros vão organizando seus contatos e favoritos, formando sua comunidade de interesses de acordo com o tipo que eles fazem parte. Obviamente, há aqueles que transitam em todos, mas normalmente seus interlocutores principais são membros do mesmo tipo. Vão se conhecendo e se envolvendo a partir do momento em que os interesses vão se afinando.

Maturana nos mostra que o conhecer é uma “ação efetiva” que o ser vivo precisa realizar para manter um mundo no qual ele possa se estabilizar para viver. Portanto, quando os membros vão se conhecendo, compreendendo a lógica do funcionamento - dividida em tipos - estes se tornam “habituees” dos sites que melhor se enquadram podendo compartilhar idéias, imagens, sensações e serem correspondidos, ocasionando uma troca real e entendível de valores, sejam estéticos ou não.

Os grupos de interesses também podem ser vistos à luz dessa teoria do “conhecimento” de Maturana, pois, quando indivíduos optam em entrar em algum tipo de associação, presume-se que estejam, para manter este comportamento, acoplados. As

relações entre indivíduo e o ambiente (flickr) na configuração de uma comunidade virtual de interações falam do “funcionamento” dos seres vivos. Cada interação vai tratar da mudança de estrutura do organismo/indivíduo em congruência com as modificações do ambiente. Sendo assim, não há determinação ou predeterminação nos comportamentos em rede, mas sim circularidade. Ou seja, os acontecimentos na rede (sistema) num dado momento estão relacionados em nível de dependência da sua estrutura no próprio momento.

Quando as interações entre organismo e meio adquirem um caráter recorrente ao longo de sua ontogenia, estabelece-se um tipo de acoplamento estrutural dito de terceira ordem. Isso porque há a manutenção da individualidade tanto do organismo quanto do meio, no devir de suas interações, gerando uma fenomenologia interna peculiar. As relações sociais são, para Maturana e Varela, acoplamentos de terceira ordem. Nas suas palavras: “ como observadores podemos descrever uma conduta de coordenação recíproca entre eles (indivíduos). Entendemos como **comunicação** o desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados que se dá entre os membros de uma unidade social” (2001, p. 214).

As interações de que falam os autores referem-se a um longo tempo histórico, pois ele trata do surgimento da vida e de sua evolução. Transladando alguns conceitos, observadas as proporções ora referidas, podemos pensar nas interações no flickr como participantes de um sistema social, congruentes por uma aprendizagem social. Movimentos que tem plasticidade estrutural, portanto, sendo móveis e componentes dos domínios lingüísticos constituídos pela própria interação. Pois, “para a operação de um sistema social humano, o ponto central é o domínio lingüístico gerado por seus componentes e a ampliação das propriedades destes” (idem, p. 221). O sistema social é mantido pela coerência e harmonia de das relações e interações de seus integrantes, desde que não haja restrições, opressão, relações, neste caso, desiguais.

No flickr, a própria comunidade se auto-regula, podendo excluir condutas não adequadas. Sendo assim, na rede das interações entre seus componentes, o emocionar está em jogo e não uma racionalidade extrema, dissociada do emocionar. No

acoplamento com grupo de interesse, ou em sua constituição mesma, a tecnologia é um componente do sistema, mas não é ela quem determina as possibilidades de interação, muito menos os desejos e intenções. Maturana afirma, em texto, que discute a tecnologia, que o fundamental é o agir ético e intencional com relação às tecnologias e que: “usamos diferentes tecnologias como diferentes domínios de coerências operacionais conforme o que queremos obter com nosso agir, isto é, usamos diferentes tecnologias de acordo com nossas preferências ou desejos” (2001, p. 182). No flickr, percebe-se o quanto o emocionar está na base das interações e das construções estéticas entrecruzadas.

Assim, esse ambiente vai se constituindo... se (re)formulando e seus membros vão, aos poucos, se aconchegando entre seus mais próximos.

Porém, por fim, é possível aproveitar essas oportunidades de interação no ciberespaço para a educação. Já que vários projetos podem ser realizados a partir da imagem (e também do vídeo) e ser alocados nesses espaços. A educação pode e deve aproveitar dessas oportunidades e realizar atividades que estejam em sintonia com as tecnologias da informação e comunicação (TIC) dos tempos atuais.

Exemplo disso foi uma experiência realizada em 2007 na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo, no curso de Psicologia, com a disciplina “Fundamentos Sociais”.

O ponto de partida teórico para tal atividade foi o entendimento da constituição da cibercultura que não se restringe à navegação no ciberespaço, mas amplifica a “espessura ótica das aparências do mundo real” (Virilio, 1999, p. 21). E tal “lógica” social passa para a vida privada de usuários da Internet que vivem num regime de “transmissão direta”, quando da transmissão em tempo real do que acontece em suas casas, ambientes de trabalho ou outros espaços de habitação e/ou trabalho: “símbolo de um voyeurismo mundial, essa introspecção coletivista é chamada a se expandir à velocidade do mercado único da publicidade universal que se anuncia” (idem, p. 23), em que tudo passa, porém, nada acontece.

Castells (2000) aponta que nossa sociedade pode ser traduzida como a geração de informação mediante a geração, armazenamento, recuperação, processamento e transmissão da informação. Não mais produtos e riquezas, mas informação e conhecimento retroalimentando-se e conectando culturas. Assim, a informação é um dos elementos da sociedade em que vivemos, sendo que se transforma em conhecimento a partir da ação do sujeito sobre ela. A sociedade do conhecimento se caracteriza, portanto, por sua penetrabilidade, sua configuração topológica em forma de rede, regendo uma lógica de não-linearidade e estruturação, sua flexibilidade e potência para a convergência para um sistema integrado são elementos que articulam a possibilidade de transmutação e de criação, sem nortes direcionados, mas com relações a efetuar. A materialidade (átomos) deixa lugar para a virtualidade (bits) pela ênfase na informação. Informação que vai se arranjando não só com computadores, mas também com o corpo. Tanto que Castells inclui nas tecnologias da informação "o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/radiofusão, e optoeletrônica." (2000, p. 49), além da engenharia genética e suas aplicações, pois esta trabalha com informação de códigos de matéria viva, nanotecnologia e outros desenvolvimentos ocorridos na interface com o digital. Assim, máquinas se conectam a máquinas. Produção-de-produções é dada pelo acoplamento da síntese conectiva. Produto-produzir em que o produzir está enxertado sobre o produto, num processo de interceptação e captura de máquinas, numa composição de corpos sem órgãos. Seres informacionais convivem numa desregulagem crescente, mediatizados, conformados em uma cultura da interface. Interface de informações. Informação que não tem marca definida: um dado pode se transformar em som, imagem, texto... esta possibilidade de transmutação de "aparência" é também uma das marcas da sociedade informacional: rede de bits.

E a imagem de si e do outro é algo profundamente utilizado nos ambientes descritos no texto. A "estética do eu" onde pessoas postam fotos de si em vários ângulos e durante muito tempo, mostra a mudança corporal e estas pessoas tendem a se juntar aos seus grupos de interesse na web, seja nos flickr da vida, orkuts e etc.

Assim, a atividade consistiu, além da compreensão da cibercultura, na divisão da turma em grupos e na leitura e discussão de textos antropológicos sobre conceitos de cultura e cada grupo saiu retratando com suas máquinas traços da cultura da região - seja do patrimônio material ou imaterial - e suas obras foram expostas nas dependências da universidade e também no “fotolog” atraindo a atenção de visitantes de todos os lugares e dando aos alunos a sensação de estar ligado ao mundo e exposto a ele. Antes da atividade iniciar foi dado a eles noções básicas da técnica fotográfica, inclusive, muitos sequer sabiam operacionalizar todos os recursos de suas máquinas.

Com essa oportunidade, os alunos puderam aproveitar das TIC e trazer elas para o campo educacional vivenciando oportunidades no ciberespaço na prática, bem como relacionar vida física com vida virtual e compreender os melindres e meandros que circulam nesses diferentes espaços. Além, obviamente de adquirir conhecimentos sobre a arte e a técnica da fotografia.

Referências bibliográficas:

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação : economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000

Flickr. [WWW.flickr.com](http://www.flickr.com)

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In SILVA, Luiz H. (org). A escola cidadã no contexto da globalização. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999

LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. O que é o virtual. São Paulo: Ed 34, 1996.

MACHADO, Glaucio. J. C., FRANCISCO, Deise Juliana Pensar e repensar a utilização da Internet como instrumento para Educação e para a formação de Cibercidadãos In: III FÓRUM DE TECNOLOGIA, 2000, SANTO ÂNGELO-RS. ANAIS III FÓRUM DE TECNOLOGIA. SANTO ÂNGELO-RS: URI, 2000.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2001

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana. 2ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2002

SCURO, Pedro. Sociologia – ativa e didática. São Paulo: Saraiva, 2003.

VIRILIO, Paul. A bomba informática. São Paulo : Estação Liberdade, 1999.